

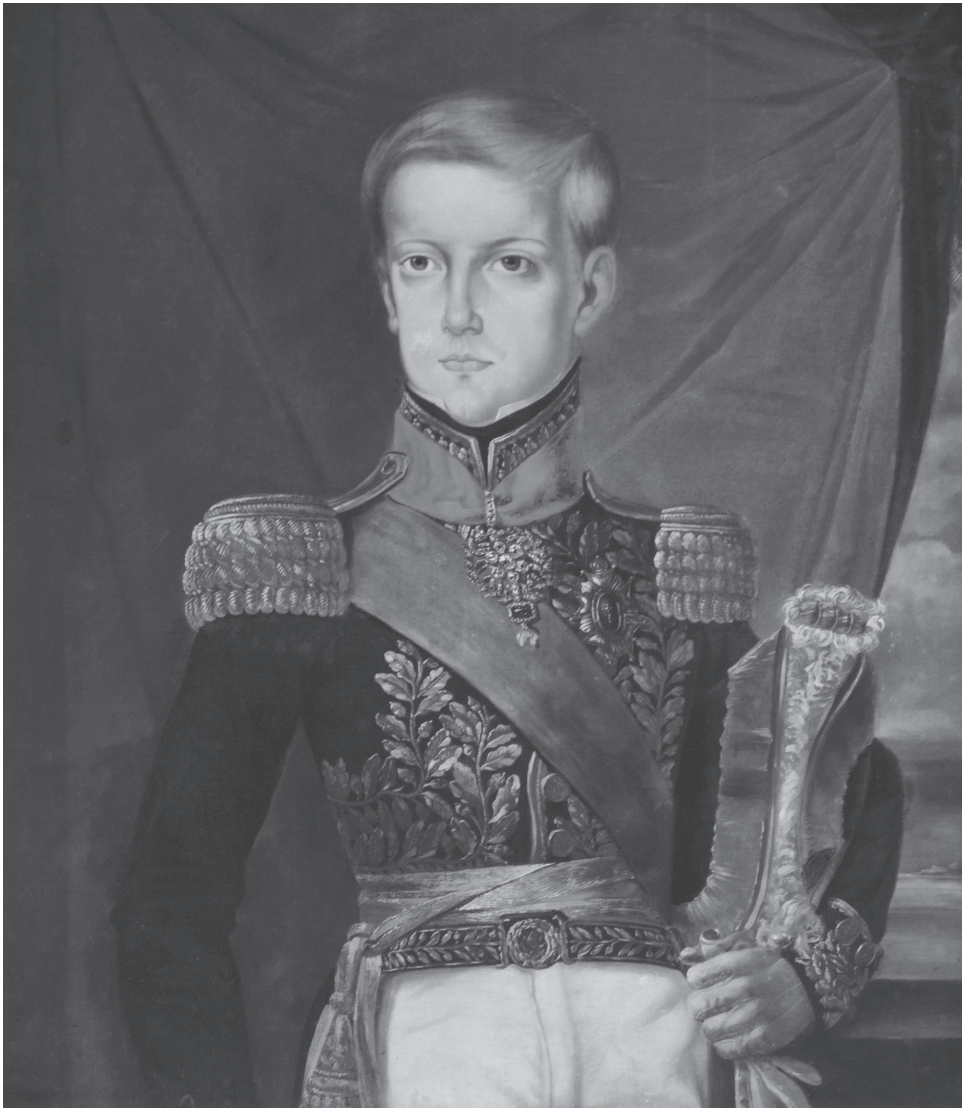
# 10.

## REGÊNCIAS OU O SOM DO SILÊNCIO

Na década de 1830, regências unas e trinas, permanentes e provisórias se revezaram no governo do império sob um clima de grande instabilidade política. As manifestações autonomistas e separatistas das províncias, recorrentes durante a colônia e o Primeiro Reinado, reapareceram com força total, conflagrando diversas partes do país.

A série de crises locais que ameaçou a frágil unidade do Brasil na década de 1830 decorreu de uma percepção geral de falta de legitimidade das autoridades regenciais do Rio de Janeiro, ligada ao problema da menoridade do príncipe herdeiro, bem como do choque entre a tendência centralizadora do Estado imperial e os anseios localistas por uma maior autonomia administrativa. Num país ainda sem telégrafo e ferrovias, a capital se comunicava pouco e mal com províncias distantes como o Pará, Alagoas e o Rio Grande do Sul, e quando o fazia — reclamava-se — era somente para extorquir impostos, sufocar insubmissões e exigir obediência.

Em 1834, um ato adicional à Constituição imperial concentrou formalmente o poder nas mãos de um único regente, o padre e deputado moderado Diogo Antônio Feijó, cujo governo durou até 1837. Nesse período crítico, estouraram a Cabanagem, no Pará, e a Revolução Farroupilha, no Sul, que congregaram povo e elites na luta contra o autoritarismo e o centralismo do governo regencial. Dezenas de milhares de pessoas morreram na forte repressão que as autoridades mobilizaram para sustar essas rebeliões, que também incluíram a



10.1. *D. Pedro II*, Manuel de Araújo Porto-Alegre, s.d.\*

Cabanada em Pernambuco, a Sabinada na Bahia e a Balaiada no Maranhão, todas debeladas com mão de ferro pelas autoridades do Rio de Janeiro. Revoltas de escravizados, como a dos Malês em Salvador (1835), completavam o quadro de insegurança social e política. Além do Exército, a Guarda Nacional, força paramilitar criada em 1831, teve que ser acionada em diversas ocasiões para “pacificar” esses levantes e rebeliões, cujo ímpeto somente começou a amai-nar com o chamado “golpe da maioria”. Em 1841, uma jogada legislativa — um golpe da maioria — autorizou o príncipe herdeiro a subir ao trono aos dezesseis anos incompletos, com o título de d. Pedro II.

\* As legendas interpretativas das autoras estão no final deste capítulo.

## ATIVIDADES PROPOSTAS

1. No período das Regências, conforme as autoras descrevem (p. 243):

O país era grande, e a corte desconhecia as especificidades de suas diferentes regiões, que vistas de longe pareciam quietas, serenas, e davam a impressão de que assim continuariam para sempre. [...] O sentimento autonomista era, porém, forte nas províncias [...] o debate girava ao redor de dois programas políticos decididamente antagônicos: o centralismo da corte, de um lado, e o autogoverno provincial, de outro.

A partir do trecho, promova um debate sobre os seguintes temas:

- a. Os dilemas que afloraram durante o período das Regências, procurando-se destacar os motivos da sua instabilidade;
- b. Os fatores históricos que podem confirmar a falta de conhecimento dos regentes sobre o território e a população que governavam;
- c. As agitações que estouraram em todo o país com as manifestações que tomaram as ruas do Brasil em junho de 2013.

2. Imediatamente depois da abdicação de Pedro I, seu filho Pedro era apresentado aos brasileiros. Debut — ele era primo e chefe de ateliê do artista francês Jacques-Louis David, que pintava aquarelas e telas de teor oficial durante a era napoleônica — registrou a ocasião, como já o fizera em outros momentos solenes. A partir da observação da imagem 10.2. (imagem 68 do livro), converse com os alunos sobre qual era a relevância desse registro e dessa cerimônia.



10.2. *Aclamação de d. Pedro II*, de Jean-Baptiste Debret, 1839.

3. A imagem legada pelo senso comum é que o assim chamado período regencial seria apenas uma época marcada pela inadequação política e uma série de rebeliões desorganizadas. Na verdade, se é certo que houve muitas crises políticas e sociais e os regentes oscilavam entre a centralização e a descentralização, ao mesmo tempo esse foi um período de muitos experimentos republicanos. Uma das polêmicas da época girou em torno da Guarda Nacional.



10.3. *Uniformes militares*, de Jean-Baptiste Debret, 1839.

Sobre esse assunto, proponha aos alunos as seguintes tarefas:

- a. Explicar os motivos da demanda da criação da Guarda Nacional;
  - b. Analisar o uniforme dos seus membros, conforme imagem acima, e seus possíveis significados;
  - c. Refletir sobre a descentralização do poder militar, que deixou sombras e ecos na sociedade brasileira. Identificar criticamente o legado deixado pela Guarda Nacional.
4. O ato adicional de 1834 anunciava uma mudança de jogo de poderes. As revoltas se espalhavam, a insatisfação se popularizava e a instabilidade na manutenção da unidade territorial abalava as bases do governo. Em acordo com a própria conjuntura das Regências, o ato é contraditório, “aperta algumas cordas e solta tantas outras”. Sobre essa medida, peça aos alunos que respondam às questões:
- a. Quais eram as regras que mudavam com a implementação desse ato?;
  - b. Quais elementos podem ser indicados como contraditórios e dissonantes em relação à política desenvolvida durante o Primeiro Reinado?



5. A análise acerca do período regencial parte sempre das revoltas e termina nas revoltas. As tentativas de emancipações regionais foram o maior exemplo de toda a instabilidade vivida no período.

Nesse sentido, proponha aos alunos o seguinte:

- a. Traçar linhas comuns e coincidências entre as várias revoltas citadas;
- b. Montar uma tabela sintetizando as informações mais importantes sobre as revoltas: aspectos comuns e características diferenciadas. Como sugestão, pode-se dispor as revoltas nas linhas de tabela e criar colunas referentes a local, período, motivo e camadas da população envolvidas;
- c. Escolher uma das revoltas citadas para desenvolver uma pesquisa mais aprofundada. Além do capítulo 10, pesquisar em outros livros e documentos acerca do mesmo assunto. Depois, redigir um texto em que se expliquem os detalhes, motivos, causas, participantes e consequências da revolta selecionada.

## LEGENDAS INTERPRETATIVAS DAS AUTORAS

10.1. A Regência de Araújo Lima, as rebeliões e a radicalização dos projetos republicanos foram os fatores que impulsionaram a ascensão ao trono de um jovem de catorze anos que deveria “salvar o Brasil”. Criado em 1840 pelos deputados liberais, o movimento pela antecipação da maioria de d. Pedro II, conhecido como Clube da Maioria, visava construir a imagem de um imperador maduro, racional e politicamente decidido, apesar de sua pouca idade. Na tela de Porto Alegre, feita alguns anos depois, destaca-se o desconforto da situação: é visível a falta de equilíbrio entre o corpo do monarca, que pende para um lado, e seu rosto, que parece disposto artificialmente por cima do tronco.

10.2. A abdicação de d. Pedro I, em 1831, instaurou o período das Regências, marcado por muitos experimentos políticos mas também por grande instabilidade social. O herdeiro do trono, então com cinco anos, não poderia governar até atingir a maioria. A aclamação realizada pelo Poder Legislativo representou, assim, uma tentativa de reforçar a simbologia que o pequeno imperador carregava e minimizar os impactos das bruscas mudanças de governo. Debret, como sempre, tentou ordenar a cena e capitalizar a imagem de uma concórdia popular. Por isso, figurou uma multidão (interminável) e dispôs o futuro monarca bem no centro da varanda do Paço.

10.3. A formação de uma nação independente implicava a criação de novos símbolos pátrios. Debret, acostumado a atuar ao lado de Napoleão, no Estado francês, passou a idealizar dísticos, emblemas e uniformes para o Império brasileiro. Talvez a única especificidade seja a cor da pele dos soldados, representados levemente morenos.